

A CONSERVAÇÃO DO SOLO

João Abramides Neto

(Palestra proferida ao microfone da Rádio Gazeta,
no "Programa dos Bons Vizinhos")

FINALIDADES DA VIAGEM AOS ESTADOS UNIDOS

Os Estados Unidos são, na atualidade, o país onde as práticas de conservação do solo atingiram o mais elevado nível técnico. É que os americanos do norte entendem que a terra representa riqueza potencial e, a par de sua exploração intensiva, requer práticas diretas e eficazes de conservação para reduzir ao mínimo a perda de fertilidade. Tratando-se, pois, de um país extremamente cauteloso com as suas reservas econômicas, não seria de causar espanto o fato do Governo do Estado enviar um punhado de técnicos para o conhecimento dos sistemas ali adotados e o estudo de sua adaptação às nossas condições. Essa foi, portanto, a finalidade da viagem: conhecer "in loco" todo o grandioso programa de conservação aplicado presentemente naquele país e estudar a possibilidade de adaptá-lo à situação do Estado de São Paulo.

Sinceramente acreditamos que os objetivos em vista foram amplamente atingidos. Podemos dizer que estamos aparelhados tecnicamente, eu e os demais colegas que efetuaram a viagem com idêntico fim, a desenvolver em São Paulo um adequado plano de trabalho no sentido de coibir os desastres proporcionados pela erosão do solo..

O PROBLEMA DA EROSAO NOS ESTADOS UNIDOS

O problema da erosão não é norte-americano, é univer-

sal. Ele se faz sentir lá como aqui, na China, como Grécia, e onde quer que existam condições de chuva e declividade que favoreçam o seu desenvolvimento. A diferença reside exclusivamente na maneira de encarar a questão. Na América do Norte a erosão é considerada o maior flagelo das lavouras e causa primordial do empobrecimento do solo. Nestas condições ela é atacada por tôdas as formas e com todos os recursos disponíveis. Pode-se dizer, sem receio de contestação, que tôdas as atividades agrícolas nos Estados Unidos são baseadas nas práticas racionais de conservação do solo. Os técnicos daquêl país calculam em que 10% das terras de cultivo estão completamente arruinados pela erosão e são absolutamente impróprios para qualquer espécie de cultivo. Outros 25% estão em adiantado estado de ruína e calculam, mais outros 35% estão iniciando o seu desgaste e tenderiam para a destruição caso não fossem postos em imediata execução as medidas de controle. Portanto, é sério o problema da erosão nos Estados Unidos e encontra cabal justificativa a legião de técnicos e lavradores empenhados na solução total do problema.

COMO FUNCIONA O SERVIÇO DE CONSERVAÇÃO DO SOLO

Para efeito de conservação do solo os Estados Unidos foram divididos em 8 grandes regiões, cada uma denominada "região de conservação". Essa divisão foi levada a efeito tomando em conta as condições de semelhança de clima, solo, espécie de cultivo, densidade e tipo de população, etc. Cada região forma, então uma zona de idênticas características e trabalha independentemente para solucionar os seus problemas regionais. Em geral cada "região" compreende 4 a 8 Estados e ela dita as normas técnicas a serem observadas pelos lavradores nos seus problemas individuais.

A sede geral de todos os trabalhos localiza-se na cidade de Washington, no majestoso edifício do Departamento de Agricultura. Aqui se corporificam todos os trabalhos executados nas "Regiões" e daqui se emanam as diretrizes administrati-

vas tendentes a coordenar o funcionamento de toda a arquitetura do serviço.

A par do Serviço de Conservação do Solo funciona o Serviço de Fomento. A este compete levar a termo a campanha educacional junto aos lavradores, os quais, diga-se de passagem, ostentam um elevado padrão de compreensão, seguindo religiosamente as instruções, constituindo-se quase sempre em elementos úteis e aptos a resolver seus próprios problemas. Assim, a parte que diz respeito à educação do homem do campo é desenvolvida criteriosa e eficientemente, já que representa um fator importante na vida do solo.

O Serviço de Conservação de Solos, tal como está organizado ramifica-se por todos os Estados e dentro dos Estados pelos municípios, cidades e vilas. Um exército de 25.000 pessoas colabora naquele grande Departamento: agrônomos, engenheiros professores, edafologistas, biólogos, silvicultores, zootecnistas e pesquisadores trabalham harmônicamente e com idêntico objetivo de dar a melhor solução para cada face do problema.

O PROBLEMA DA EROSAO NO BRASIL

Em nosso país, felizmente, não chegamos à situação alarmante dos Estados Unidos. A existência de grandes áreas incultivadas e florestadas tornam o nosso problema menos angustiante. Mas, há Estados onde a agricultura se desenvolve num regime mais ou menos intensivo e neles a erosão tem feito sentir seus efeitos avassaladores. Em São Paulo, por exemplo, êles constituem palpável realidade e o decréscimo de nossa produção agrícola é bem um atestado disso.

Convém lembrar ainda que a nossa topografia é geralmente acidentada e as nossas chuvas, por ocasião da época, são torrenciais. São pois, dois fatores evidentes que representam um fácil acesso à propagação do fenômeno e muito em breve estaremos a braços com um problema cujas consequências físicas, econômicas e sociais levaram o Congresso norte-ameri-

cano a votar verbas astronômicas para o seu estudo e posterior solução.

O QUE SE FAZ NO BRASIL COM RELAÇÃO AO FENÔMENO

O Brasil, forçoso é confessá-lo, está longe ainda de poder figurar entre os países considerados líderes da Conservação do Solo. Nos estados considerados pequenos não temos conhecimento de que se faça algo nesse sentido. Pelo menos êsses trabalhos não possuem a necessária repercussão e jamais chegaram ao nosso conhecimento. Quanto aos estados mais progressistas, São Paulo, Rio, Minas e Rio Grande do Sul, o programa de conservação é desenvolvido em mínima escala e o seu resultado, si não é negativo também não é positivo, estando muitíssimo distante de representar o volume exigido por um assunto dessa natureza. Resumindo, podemos dizer que estamos no marco zero com respeito às práticas conservacionistas e completamente desatentos a um problema que precisa se encaminhar para uma solução condigna com a nossa tradição de país agrícola.

São Paulo que também afina pelo mesmo diapasão e cuja agricultura está a clamar por medidas salutares, nada possui capaz de competir com as instituições estrangeiras congêneres. Possuimos uma Seção de Combate à Erosão subordinada à Divisão do Fomento Agrícola e uma Seção análoga no Instituto Agronômico de Campinas, à qual está entregue as pesquisas referentes ao assunto. Mas, usando velha imagem, são uma gôta d'água no oceano. Acanhadas, desprovidas de técnicos, de aparelhamentos e de meios não podem jamais dar vasão ao volume de trabalhos que lhes estão afeitos e permanecem obscuras, ensaiando apenas produzir algo de útil à coletividade.

Mas, felizmente, parece que as coisas mudarão. Nota-se por parte dos responsáveis pelos assuntos agrícolas, um movimento no sentido de dotar São Paulo de uma organização à altura de seu progresso, o que trará, sem dúvida, uma nova era na história da sua agricultura. Os trabalhos oficiais serão ampliados devidamente e, com a colaboração imprescindível

dos lavradores estaremos aptos a dar combate à erosão, essa insaciável sugadora da riqueza do solo.

E temos fundadas esperanças de que, nesse rumo, São Paulo poderá figurar entre os líderes mundiais das práticas conservacionistas.

É verdade que o problema da erosão sempre existiu, existe e existirá. Ele é eterno e nasce desde que o homem faz a primeira derrubada e inicia a primeira sementeira. Portanto a sua idade perde-se na origem dos tempos e continuará sempre, através das gerações. Não se pretende agora extinguir um mal eterno e praticamente inextinguível. O que se pretende e se pode fazer é restringir os seus efeitos, reduzindo-os a proporções razoáveis, em que possam interferir na maior ou menor colheita. E isto é possível realizar quando os esforços conjugados do homem público e do lavrador se dirigem num mesmo sentido, buscando a mesma finalidade.

O problema, em última análise, depende de uma organização adequada e que disponha de meios para jogar com quatro fatores principais: educação, maquinários, técnicos e financiamento ao lavrador.

Manobrando-se hábilmente tais fatores poderemos chegar de maneira satisfatória ao âmago do problema, que consiste em atenuar a causa do empobrecimento e infelicidade dos povos: **A erosão do solo.**

UM COLOSSO DE TOURO !

Um touro pesando 1.527 quilos foi exibido em 1946 na última exposição distrital de animais em Bury (Manchester), organizada pela Sociedade de Agricultura local.